

PDT teme que Juruna não repita sucesso de 1982

Lima de Amorim

A direção do PDT está preocupada com o futuro do deputado federal Mário Juruna, que corre risco de não se reeleger. Desgastado, sem o carisma da novidade que representava na eleição de 82, o ex-cacique xavante receberá atenção especial do seu partido no Rio.

"Eventualmente publicaremos um folheto de campanha com as principais iniciativas dele como parlamentar", admite o governador Leonel Brizola, que atribui a Juruna um forte papel simbólico: "A presença de um índio no Congresso tem menos repercussão sobre os próprios índios do que sobre os brancos, como força para transformação de mentalidades". Juruna, embora reconheça que sua campanha será difícil, está convicto de que vencerá.

Prognósticos

Num ano eleitoral, os candidatos ou dirigentes dos partidos costumam fazer prognósticos. No PDT, aparecem sempre como possíveis bem votados para a Constituinte, os ex-secretários César Maia, Brandão Monteiro, Carlos Alberto Oliveira e José Maurício (se desistiu de candidatar-se a vice-governador); deputados como Bocayuva Cunha e José Eudes; e alguns novatos, principalmente o jornalista Roberto D'Ávila.

— Um dia descobrimos que em nenhuma lista aparecia o Juruna, ao contrário de 82 — revela um dirigente do partido.

Geralmente um bom candidato é beneficiado pela procura de outros, postulantes à Assembleia Legislativa, interessados em comprar dobradinhas. Quatro anos atrás, o parceiro mais constante de Juruna foi o deputado Augusto Ariston, que este ano, de aliado, transformou-se em concorrente, porque também disputará a Câmara.

Como sensação da campanha de 82 no Rio, Juruna, atração garantida em todos os comícios, criou uma expectativa de que conquistaria mais de 100 mil votos. Quando as urnas foram abertas, viu-se que ele amealhou pouco mais de 33 mil votos.

Se naquele ano, beneficiado pela vinculação obrigatória de votos e pela performance de Brizola, Juruna teve um desempenho muito abaixo do previsto, o que esperar para 15 de novembro próximo, quando até o governador também encontra dificuldade para eleger seu sucessor?

Desgaste

Juruna, nascido numa aldeia em Barra do Garças, Mato Grosso, conheceu o primeiro branco aos 16 anos. A transição de sua cultura para o mundo dos brancos tem sido atribulada. "O branco mente", foi o conceito firmado por Juruna, quando ele começou a tratar dos interesses de sua tribo em Brasília, razão pela qual passou a usar um gravador, por volta de 1980.

No início de sua convivência com os parlamentares, Juruna assustava a todos na hora de comer num restaurante. "Ele pegava a terrina de feijão e arrastava toda para ele", conta um companheiro, que compreende a diferente noção de posse do índio. Antes de ser deputado, em 1980, ao descer no aeroporto de Amsterdam, onde foi participar do 4º Tribunal Bertrand Russel de defesa das minorias, Juruna, vestido apenas com um paletó emprestado pelo ex-deputado Modesto da Silveira, começou a tremer de frio. Olhou em volta e não teve dúvida: tomou o capote de um policial.

O que antes era curioso e simpático, no Congresso passou a ter conotação negativa. Juruna almoçava no restaurante do Congresso

e não pagava: "Pede a Brizola", dizia aos garçons, no início do mandato. Quase foido cassado quando, em 83, disse: "Todo ministro é corrupto." Foi salvo por uma idéia do colega Bocayuva Cunha, que justificou sua declaração como ignorância da semântica. Recebeu apenas punição de censura.

O caso mais rumoroso ocorreu no ano seguinte, na campanha presidencial, quando Juruna recebeu Cz\$ 30 milhões do empresário Calim Eid, coordenador do comitê Paulo Ma-



luf. Juruna, pressionado, devolveu o dinheiro, mas ficou com a mancha da suspeição.

Papel cumprido

Tudo isso, mais a diferente circunstância política em relação a 82 complicam a reeleição de Juruna. Seu maior amigo na Câmara, deputado Abdias do Nascimento, acha, porém, que a vitória do ex-cacique xavante é importante. "Depois dele, a causa indígena no Congresso passou a ter maior peso. Foi criada pela primeira vez uma comissão técnica permanente para defender o índio. Os próprios índios ganharam mais confiança para lutar pelos seus direitos dentro das instituições dominadas pelos homens brancos", alega Abdias.

Brizola também defende Juruna: "Desde que ele assumiu, nunca mais a Funai teve estabilidade. Ele luta pelos índios com firmeza, às vezes até truculência. Como parlamentar, teve um papel exemplar na sua bancada. Jamais agiu em discordância com a maioria. Sua sabedoria política vem de longe, na tradição de sua tribo, de grande respeito mútuo", diz Brizola, que promete atenção especial para a campanha de Juruna.

Além da publicação de folhetos, seguramente o candidato a governador, Darcy Ribeiro, levará Juruna sempre consigo para os comícios. Foi Darcy, antropólogo, quem apresentou Juruna a Brizola, em 1981.